THESE

DE

CLAUDEMIRO AUGUSTO DE MORAES CALDAS.

A S. Ex.mo Sr. Dr. A. M. Barbosa — aff.o coll. e [illegible]

THESE

QUE APRESENTOU

A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA

PARA SER PUBLICAMENTE SUSTENTADA

EM NOVEMBRO DE 1868,

AFIM DE OBTER O GRÁU DE

DOUTOR EM MEDICINA

CLAUDEMIRO AUGUSTO DE MORAES CALDAS,

Ex-interno das clinicas medica e cirurgica da mesma Faculdade,

NATURAL D'ESTA CIDADE,

e filho legitimo de Firmino Soriano Caldas e D. Eufrosina Carolina de Moraes Caldas.

« Deus scientiarnm Dominus est,
« Ipsi præparantur cogitationes.
I. REG. II, 3.

BAHIA

TYPOGRAPHIA DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.,

Rua de Santa Barbara n. 2.

1868

FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

DIRECTOR

O Ex.mo Sr. Conselheiro Dr. João Baptista dos Anjos.

VICE-DIRECTOR

O EXM.mo SR. CONSELHEIRO DR. VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES.

LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES:	MATERIAS QUE LECCIONAM.
1.º ANNO.	
Cons. Vicente Ferreira de Magalhães	Physica em geral, e particularmente em suas applicações á Medicina.
Francisco Rodrigues da Silva	Chimica e Mineralogia.
Adriano Alves de Lima Gordilho	Anatomia descriptiva.
2.º ANNO.	
Antonio Mariano do Bomfim	Botanica e Zoologia.
Antonio de Cerqueira Pinto	Chimica organica.
Jeronymo Sodré Pereira	Physiologia.
Adriano Alves de Lima Gordilho	Repetição de Anatomia descriptiva.
3.º ANNO.	
Jeronymo Sodré Pereira	Continuação de Physiologia.
Cons. Elias José Pedrosa	Anatomia geral e pathologica.
José de Goes Siqueira	Pathologia geral.
4.º ANNO.	
Cons. Manoel Ladisláu Aranha Dantas	Pathologia externa.
. . . .	Pathologia interna.
Mathias Moreira Sampaio	Partos, molestias de mulheres pejadas, e de meninos recem-nascidos.
5.º ANNO.	
. . . .	Continuação de Pathologia interna.
José Antonio de Freitas	Anatomia topographica, medicina operatoria, e apparelhos.
Joaquim Antonio de Oliveira Botelho	Materia medica, e therapeutica.
6.º ANNO.	
Domingos Rodrigues Seixas	Hygiene, e historia de medicina.
Salustiano Ferreira Souto	Medicina legal.
. . . .	Pharmacia.
. . . .	Clinica externa do 3.º e 4.º anno.
Antonio Januario de Faria	Clinica interna do 5.º e 6.º anno.

OPPOSITORES.

José Affonso Paraiso de Moura	Secção Cirurgica.
Augusto Gonçalves Martins	
Domingos Carlos da Silva	
. . . .	
. . . .	
Ignacio José da Cunha	Secção Accessoria.
Pedro Ribeiro de Araujo	
Rosendo Aprigio Pereira Guimarães	
José Ignacio de Barros Pimentel	
Virgilio Climaco Damasio	
. . . .	Secção Medica.
Demetrio Cyriaco Tourinho	
Luiz Alvares dos Santos	
João Pedro da Cunha Valle	
. . . .	

SECRETARIO

O Sr. Dr. Cincinnato Pinto da Silva.

OFFICIAL DA SECRETARIA

O Sr. Dr. Thomaz de Aquino Gaspar.

A Faculdade não approva, nem reprova as ideias enunciadas n'esta These.

As raças humanas provieram d'uma só origem? p22

ADVERTENCIA.

Entendendo que a philosophia é a chave, o exordio obrigado de toda a sciencia humana, porque ella, segundo muito bem o disse o illustrado Buffier, deve ser considerada como a preparação necessaria para o estudo das sciencias ulteriores, mais positivas e practicas, taes como a theologia, a jurisprudencia e a medicina, &c. : *Philosophia habetur ut apparatus necessarius ad ulteriores et operosiores scientias : theologiam, jurisprudentiam, medicinam, etc.;* e tendo escolhido para assumpto da minha dissertação o seguinte ponto : as raças humanas provieram d'uma só origem? questão da alta philosophia; cumpria-me declarar não só a eschola philosophica que abraço, mas ainda e principalmente expôr os motivos pelos quaes prefiro esta áquella eschola. Foi esta espinhosa tarefa da qual vitalmente depende o bom exito do meu trabalho, que tentei desempenhar em primeiro logar. Se fui feliz ou infeliz, outros que não eu, o dirão.

INTRODUCÇÃO.

I

La verité est comme un fleuve: il descend à l'océan, et les vapeurs venues de l'océan remontent à sa source pour l'alimenter; de sorte que soit à la source soit l'embouchure c'est toujours l'océan tout entier que se trouve. Et nous placés dans notre petite nef intellectuelle, nous remontons le cours du fleuve et nous le descendons; mais d'un côté, nous rencontrons comme des cataractes infranchissables, ces axomes qui nous empêchent d'aller plus haut vers les origines de la vérité; d'un autre côté nous decouvrons l'océan infini à travers le quel nous n'osons pas suivre les conséquences de la vérité. Pourtout et toujours, au commencement et à la fin, la lumière qui éclaire l'ombre, l'ombre que obscurcit la lumière, le chemin et la borne, la science et la foi.

LACORDAIRE.—*Conférences de Notre Dame de Paris. T. I. p. 244.*

O homem pela introversão intima reconhece em seu ser duas necessidades innatas e indestructiveis, igualmente, imperiosas e legitimas, porque foi Deus, quem escreveu-lhe uma no coração, ao passo que infundia-lhe a outra no cerebro: a necessidade de crer e a necessidade de raciocinar. A primeira é tão instante e impetuosa que, muitas vezes, o homem, postergando a razão, prefere a credulidade excessiva e céga á nenhuma crença; d'ahi a superstição. A segunda é tão forte e vehemente que, muitas vezes, tambem, o homem, renunciando a fé, antepõe a descrença completa e absoluta á facilidade de crer; d'ahi a incredulidade.

Ora, a fé e a sciencia, constituindo a pedra angular sobre que repousa o grande edificio social, sendo as duas condições imprescindiveis, essenciaes e necessarias da civilisação e progresso do genero-humano, porque só ellas podem, conservando as suas autonomias respectivas, de mãos dadas, encaminhar o homem para a fruição benefica e vivificante da verdade; segue-se, pois, que o magno problema da intelligencia humana consiste no meio de intimamente confraternisar a crença e o raciocinio, e não de tentar o impossivel, pretendente annullar um ou outro destes dous sentimentos innegaveis e perpetuos da consciencia universal.

A historia da philosophia, que não é senão o resumo das tentativas e experiencias que o espirito humano ha feito para a solução desta ingente questão, cifra-se em narrar as revoluções que passaram no mundo philosophico, as luctas que ahi se deram, as mudanças mais ou menos perceptiveis da sua indole e organisação, o que tudo traduz as phases diversas do ascendente que adquire um ou outro desses dous sentimentos no combate perenne que entre si travam. No amago de qualquer questão philosophica lá havemos de encontrar essa lucta constante.

Nesse combate, que se tem protrahido por tantos seculos, duas tyrannias, igualmente damnosas e funestas pelo exclusivo das idéas que representam, disputam entre si a victoria: uma é a superstição, que louca e céga desmente a lei mais natural e legitima da intelligencia humana—o raciocino, a outra é a incredulidade, materialista e oppressora, que sorri e desdenha da mais nobre e sublime aspiração do coração—a crença. No immenso campo de batalha a que estam sobranceiras estas duas prepotencias a fortuna tem adejado varia e inconstante. Ora, o predominio tyrannico da auctoridade sobre a razão, debaixo das differentes denominações de idolatria, paganismo e mohammetismo, tem cantado a victoria, ora a razão, deificada em menoscabo da auctoridade, sob as diversas formulas de heresia, protestantismo e racionalismo tem igualmente obtido o triumpho.

O desfecho dessa peleja secular, seja elle qual fôr, poderá acarretar vantagens transitorias e ephemeras á um ou outro dos dous partidos contendores, nunca, porém, uma victoria exclusiva e completa; porque, essa victoria importa a abrogação d'uma lei eterna, que não póde, nem deve ser, sequer, de leve, impunemente offendida. A coroa d'um triumpho definitivo ha de ser o glorioso premio, unicamente, daquelle systema philosophico que souber, por mutuas e amigaveis concessões, congraçar as duas necessidades fundamentaes do espirito humano, tornando, d'est'arte, tranquilla a coexistencia e simultaneidade dellas.

O paganismo, dizendo ao homem « crê sem raciocinar, » conseguiu tão somente, impossibilitando-lhe a sciencia e embrutecendo-lhe o espirito, impelli-lo pela credibilidade exaggerada para o abysmo da ignorancia; assim como o racionalismo, da sua parte, dizendo ao homem « raciocina sem crer, » alcançou tambem, erradicando-lhe do animo toda a fé, arroja-lo pelo excesso da razão na voragem da duvida e da incerteza.

O paganismo, compellindo o homem para o excesso da fé, procura illudir e sophisticar a necessidade que elle tem de raciocinar, e o racionalismo, incitando-o para o excesso da razão, pretende, tergiversando, suffocar a necessidade que elle tem de crer. Assim, tanto o paganismo como racionalismo, não podendo absolutamente satisfazer, a um tempo, as duas necessidades capitaes do

espirito humano, caem pelos seus systemas excessivos em consequencias, igualmente, condemnaveis e fataes.

O excesso na ordem logica é o cunho da falsidade, da mesma sorte que na ordem moral é o distinctivo do vicio. Eis o motivo porque a fé excessiva, que abdica a razão, rebalsa-se na superstição, como a razão autocratica, que desdenha a fé, precipita-se na incredulidade.

O erro, que é o vicio da intelligencia, como o vicio, que é o erro do coração, consistem nos extremos, da mesma sorte que a rectidão, que é a verdade da intelligencia, como a virtude, que é a verdade do coração, residem no meio. *Medium tenuere beati.*

A philosophia christan, porém, docil, inspirando-se nas palavras luminosas do Eterno: «*Nisi credideritis non intelligetis;*» teve a dita gloriosa de encontrar nas profundezas magestosas da fé o meio de reconciliar, em amplexo sublime, a crença e o raciocinio, e poder, por tanto, dizer ao homem : « Crede e raciocinae » : *Rationabile obsequium vestrum.*

O homem no esplendido consorcio da fé com a razão, que, por certo, é o mais bello e inauferivel titulo de gloria da philosophia religiosa, deparou o meio de poder, cabalmente, satisfazer as duas necessidades vitaes do seu espirito; porque ao passo que ahi se estatue o respeito devido a fé, proclama-se igualmente o pleno exercicio da razão na orbita legitima das suas attribuições; porque ahi, em vez da sciencia nocivar a fé, ou a fé impossibilitar a sciencia, ao contrario, mutua e harmoniosamente, se coadjuvam e se esclarecem.

Em resumo : é só no gremio da philosophia christan que o homem se acha no seu estado natural e perfeito, porque encontrando ahi o inextimavel segredo de poder amigavel e magestosamente enlaçar a fé com a razão e a sciencia com a auctoridade, satisfaz, d'est'arte, d'um modo pleno e solemne, as duas tendencias ingenitas e irresistiveis de seu ser : a crença, e o raciocinio.

É só no seio desta atmosphera providencialmente salutar e vivificante, que o homem póde amplamente resfolegar o espirito, reconhecendo, a final, não só que a grandeza da razão é ser *fiel*, como a sublimidade da fé e ser *razoavel;* mas tambem que, fóra desta phlilosophia san e verdadeira, ou uma sciencia orgulhosa, intemperante e má esterilisa a fé, ou uã fé fatigante, inconsequente e céga mata a sciencia.

II

> Vani autem sunt omnes homines in quibus non subest scientia Dei.
>
> (SAP. 13. 1.)

Desde os primeiros seculos do christianismo a razão catholica, acceitando como bussola inseparavel do seu espirito o sublime preceito do Escriptor inpsirado: *Redigentes intellectum in captivitatem fidei. Rationabile obsequium vestrum* (II COR., x, 5. ROM. XII, 1), conseguiu desde logo, pela firmeza da sua fé e humildade do seu coração, a luz precisa, a pedra de toque, o criterio de verdade necessario para poder, devidamente, aquilatar todos os juizos, todas as opiniões, todos os systemas da intelligencia humana.

Alumiando-se, assim, com a luz de cima, ella não só pôde, combatendo victoriosamente todos os erros e alargando a esphera dos conhecimentos humanos, pelo desenvolvimento que déra a todas as verdades, remover os obices que a ignorancia, a descrença e a impiedade colligadas despeiadamente lhe oppunham; mas tambem lançar os solidos e inabalaveis fundamentos d'uma philosophia, natural no seu principio, legitima na sua indole, e razoavel nas suas miras, a philosophia christan, a qual, aprendendo, em primeiro logar, com fé razoavel, a sciencia da palavra de Deus, pôde, ao depois, com razão crente, explanar, illuminar e resolver todas as grandes questões que, então, se debatiam, tanto na ordem philosophica, como na theologica e natural.

Os verdadeiros philosophos dos primeiros seculos christãos, conscios de que o inapreciavel thesouro de todas as verdades estava resguardado nas augustas e mysteriosas profundezas da fé, tudo sacrificaram, vida, fortuna e talento, para alcançar esse thesouro. Entre elles a leitura dos philosophos, oradores e poetas pagãos era absolutamente proscripta, como nos attesta S. Jeronymo, não só porque entendiam que tal leitura não era innoxia á orthodoxia da fé e a pureza dos costumes; mas tambem, porque preferiam, sem previa discussão, as doutrinas sans ao estylo primoroso, os principios verdadeiros á belleza das formas, a rusticidade sancta á eloquencia peccadora, a humildade evangelica ao orgulho humano, a religião do Crucificado, em fim, á uma philosophia de incredulos.

Pois bem: a estes homens que, tomados da loucura da cruz, buscavam a todo o preço, e antes de tudo, tão somente comprehender a palavra do Senhor, lhes foi concedido pela bondade e misericordia divinas não só o que tão ar-

dentemente almejavam, mas ainda, em larga enchente, todas as vantagens que derivam da sciencia e litteratura humanas. É por isso que o Apostolo lhes dizia : Agora, eis-vos ricos de toda a especie de verdades, de graças e virtudes : *In omnibus divites facti estis* (I COR. I, 5.).

Ao passo, porém, que os philosophos christãos, em remanso, fruíam do precioso patrimonio, que com fé robusta haviam alcançado, os gregos, olvidando, completamente, a palavra luminosa dos Apostolos e Doctores da Igreja que, incessantes, os revocavam a crença e ao sentimento christãos, desvelavam-se em perpetuar nos seculos por vir a gloria da philosophia e litteratura pagans que, com ardor febril, cultivavam. Vejamos o reverso da medalha. Estes idolatras do espirito, que desprezavam a idéa solida e pura que edifica a intelligencia pelos encantos e atavios da forma que mais agradam a imaginativa e aos sentidos; que, admittindo o Evangelho, divinisavam, comtudo, Homero e Demosthenes, Platão e Aristoteles; que, insensatos, em summa, antepunham as glorias e as grandezas ephemeras da terra ás glorias e as grandezas sempiternas dos céus, soffreram justa e merecida punição, perdendo não só estas, mas até não podendo conservar aquellas.

Conpulsae a historia desta nação que teve o rotulo vituperioso de Baixo Imperio, e vereis a verdade do que levo dicto.

Hoje o que resta deste povo? retalhado pelo schisma e contaminado pelo erro, vive, apenas, sob o sceptro de ferro do despotismo moslemico. Perdida a fé, d'envolta com ella perderam, tambem, a sciencia, a civilisação e a liberdade. Seu divino Platão foi por dous luminares da Igreja, com justiça, proclamado o patriarcha de todos os hereticos (1) e o condimento de todas as heresias (2). Sua patria, em vez de foco de luz, como elles a reputavam, transformou-se em antro medonho de todos os erros, porque foi do seu seio pestifero que sairam, em virtude da sua cega obstinação em seguir as doutrinas pagans e as de Platão, em particular, todas as heresias que tem lacerado a tunica inconsutil do Christo.

Emquanto a razão philosophica antiga depois de ter duvidado de tudo, depois de ter tudo negado, Deos e a alma, o espirito e a materia, a virtude a sciencia, terminou renegando-se á si propria, na phrase severa, mas eloquente e justa d'um eximio philosopho, christão (3); no gremio do christianismo nascente a sciencia fervorosamente pugnava pela fé, ao passo que a fé desenvolvia e magnificava a sciencia : espectaculo, na verdade, extraordinario e magestoso, pelo impensado da idéa.

(1) Tertulliano. Apud. S. Hieron., epist. ad Ctesiphontem.
(2) S. Ireneo. (Hæres.)
(3) Ventura La Raison Philosophique, et la raison catholique. T. 1. p. 87.

Foi d'ahi que surgiu esta pleiade brilhante de intelligencias summas que, unanimemente, possuidas da idéa nobre, grandiosa e sublime de desenvolverem a sciencia á sombra augusta e protectora da fé, elevaram, por fim, a razão que humildava-se á crença viva até a altura potente do genio. Os Tertullianos, os Athanasios, os Ambrosios, os Jeronymos, os Agostinhos e tantos outros missionarios do progresso evangelico, foram os primeiros que, fiéis depositarios de todas as verdades, como o eram ricos de todas as virtudes, herdaram as gerações futuras o immenso thesouro de verdadeira sabedoria que elles haviam colhido aos pés da Cruz.

III

. . . . . : le moyen âge excite l'étonnement par sa littérature robuste et naïve, non moins originelle que ses beaux-arts. On s'aperçut que notre société ne dérive pas directement de celle des Grecs et des Romains, mais qu'il faut rechercher ses éléments dans cette époche justement appelée moyenne, parce qu' elle signale le crépuscule entre le couchant d'une civilisation fondée sur la conquête, sur l'esclavage, sur l'egoïsme, et l'aurore d'une civilisation nouvelle, basée sur l'industrie, sur l'individualité, sur le catholicisme.

César Cantu, *Hist. Univ T. 1. p.* 22, 23.

Os barbaros que, impetuosos, desciam do septemtrião para apressar a dissolução da sociedade antiga, que, gasta e podre até a medulla pela propria gangrena interior, começava já a esphacelar-se, annunciavam que não tardava a soar no quadrante da eternidade a hora fatal, em que o imperio abjecto dos cesares, que symbolisava a civilisação possivel do paganismo, havia, tambem, de esboroar-se.

Vejamos o soberbo quadro que ácerca dessa immensa metamorphose social delinea com toda a mestria e primor o grande historiador-philosopho de Portugal, o Sr. Alexandre Herculano: « O christianismo profundára já as suas raizes na terra, vecejava aspergido com o sangue dos martyres, abrigava as sociedades com a sua vasta sombra e, tomando os membros desse cadaver gigante que se desconjunctava, ía preparando cada um delles para o converter n'um corpo social cheio de mocidade e de vida. Novas migrações desciam do septemtrião ao meio-dia da Europa para o renovar, como em tempos remotissimos tinham descido das chapadas interiores da Asia a povoa-lo. As legiões, a politica dos impera-

dores e a magestade do nome romano serviram por algum tempo de dique á invasão. Fòra, porém, Deus que soltára a torrente. Era uma lucta sublime a da civilisação contra a barbaria; mas esta rompeu as barreiras. As hostes e as tribus selvagens do norte arrojavam-se por cima do imperio: a vaga seguia-se á vaga. Daquelle grande cataclysmo nasceram as nações modernas (1). »

Durante as irrupções dos povos septemtrionaes que, quaes bestas-feras saindo indomitas e famintas das suas lapas hediondas, assignalaram a sua passagem no solo revoluteado da Europa com a dòr, a consternação e a morte, a razão catholica foi obrigada a soffrer um breve estacionamento no seu caminhar progressivo para a luz, acolhendo-se ao silencio e á solidão dos claustros, a fim de escapar á vandalica ferocia dessas tribus barbaras.

Logo, porém, que cessaram as convulsões sociaes que deram o ser as nacionalidades modernas, logo que o mundo catholico, que surgíra mais vigoroso e bello sobre as ruinas do mundo pagão, abrigando-se a sombra triumphante da Cruz, labaro sancto da paz, da civilisação e da liberdade, constituiu-se, definitivamente, pelo Codigo eterno do Evangelho, que havia sido solemnemente referendado com o sangue preciosissimo da Victima Immaculada do Calvario, a razão christan rejuvenesceu mais brilhante e vivaz no Occidente, como os Bernardos, os Anselmos e tantos outros vultos veneraveis o exemplificaram, e, reunindo em um corpo de doutrina as tradições transmittidas pela Igreja, as lições dos Sanctos Padres e os oraculos divinos da Biblia, realisou, em todo o ponto, o louvavel intento dos philosophos dos primeiros seculos do christianismo, creando uma philosophia christan, tanto pelo espirito, como pelo coração.

Foi esta philosophia eminente e fecunda, porque altamente religiosa, que, d'accòrdo com os preceitos eternos da religião do Martyr do Golgotha, soube cabalmente resolver as mais arduas questões a respeito do homem, da origem das ideas, da união d'alma com o corpo, em uma palavra, a respeito de todos os grandes problemas attinentes as tres principaes partes de que se compõe a philosophia: a idealogia, a psychologia e a pedagogia. Problemas, cuja solução, cumpre claramente dize-lo, nunca poderam, de um modo satisfactorio, dar os maiores genios da antiguidade.

Foi nessas epochas virentes da philosophia catholica, que a ingratidão insultuosa e iniqua das gerações que ora passam na terra soem appellidar de barbaras, que o intellecto humano remontára mais alto nas azas refulgentes da fé, não só porque, com feliz exito descortinando os mais reconditos arcanos da natureza, fizera as tres pasmosas descobertas que deram nova face ao mundo social:

(1) Historia de Portugal T. 1. p. 27 e 28 3.ª edição.

a polvora que facilitou ao homem a sua soberania sobre a terra, a bussola que lhe deu o sceptro da conquista do oceano, e a imprensa que dilatou os horisontes do imperio da razão pela rapida circulação da idéa; mas ainda, e principalmente, porque legára aos seculos porvir, pelos progressos que promovêra em todas as sciencias e em todas as artes, a arca sancta da verdadeira civilisação que hade, incolume, sobrenadar a todas as idades.

Ouçamos a palavra auctorisada d'um publicista notavel pelo seu profundo saber e pela sua critica judiciosa e eloquente, o Sr. Danjou: «Qu'on rassemble en un faisceau toutes les œuvres, toutes les découvertes, tous les produits de la civilisation païenne, qu'on les place en regard des créations innombrables, des inventions précieuses, des institutions de toute sorte, des chefs-d'œuvre de toute nature dont le moyen âge et les sociétés chrétiennes ont doté l'humanité, et l'on verra que l'antiquité tout entière ne peut, en ancun genre, soutenir le parallèle avec les siècles catholiques.

Dans l'ordre des découvertes utiles sous le rapport matériel, cette supériorité du génie de la société chrétienne ne saurait être contestée. La bussole, la poudre à canon, l'imprimerie, le verre à vitres, la soie, le télescope, les lunettes, les postes, l'eau-forte, la gravure, les tapis, les orgues, la peinture à l'huile, les glaces, l'alambic, les spiritueux, les cheminées, le papier, les cartes marines, la connaissance de l'Amérique et des antipodes, les horloges, les lettres de change, etc., etc., et sous un aspect plus élevé, les hôpitaux, les asiles pour l'enfance, les monts-de-piété pour les pauvres, les innombrables institutions de charité.

Voilà, entre mille, quelques-uns des fruits que produisit l'intelligence humaine, quand elle put se développer sous l'action vivifiante de la foi catholique, C'était au milieu des ténèbres de ce qu'on a appelé la barbarie du moyen âge c'était à un moment où le paganisme et ses œuvres étaient complètement abandonnés ou oubliés; et cependant, l'antiquité, avec tout le génie, le talent, l'esprit, la supériorité que nous nous obstinons à lui reconnaître, n'a pas su faire une seule découverte vraiment utile à l'industrie, au travail, et par suite au bien-être des hommes. »

Foi nesses seculos aureos do christianismo e conseguintemente do verdadeiro progresso e da verdadeira civilisação, que o genio catholico attingiu, na pessoa de S. Thomaz, o mais SANCTO DE TODOS OS SABIOS E O MAIS SABIO DE TODOS OS SANCTOS, o seu maximo esplendor.

Lêamas com acatamento o que a respeito do Auctor Angelico da Summa, deste Livro quasi divino, a que o Concilio de Trento, a mais sancta, douta e augusta assemblea que se reunira sobre a face da terra, de quantas a historia faz menção, conferíra a honra singular de colloca-lo face a face do Evangelho, como o seu mais fiel e seguro commentario; lêamos, com profundo acatamen-

to, repito, o que a respeito do Sol luminoso da philosophia christan, o seu interprete por excellencia, o maior genio, talvez, do seculo XIX, o doutissimo Ventura do Raulica, cuja immensa sabedoria fôra realçada pela sanctidade do viver, escreve:

« Saint Paul, ayant transporté sur la terre la vérité divine qu'il avait rencontrée au ciel, dans ses communications directes avec l'éternelle Sagesse, avec le Verbe de Dieu lui-même, a posé les fondements de la science chrétienne, où se résume toute science et toute vérité; saint Augustin en a étalé toute la magnificence et toute la grandeur; saint Thomas en a indiqué tout les raisons et toute la solidité.

Saint Paul a précisé le dogme chrétien de l'Évangile, saint Augustin l'a développé, saint Thomas l'a démontré.

Dans saint Paul la foi rayonne d'une manière toute divine; dans saint Augustin elle apparaît ornée de toutes les richesses de l'éloquence, de tous les charmes de la poésie; dans saint Thomas elle se trouve consolidée, toujours davantage, de toutes les forces de la raison.

Saint Paul a été l'apôtre par excellence, saint Augustin le théologien par excellence, saint Thomas le philosophe par excellence de la vraie religion (1). »

Ao terminar-se a leitura da historia inspirada e synthetica desta trindade humana, mas augusta e sancta, que, excedendo na terra quanto ha de grande, magestoso e bello, fôra para sempre, juncto ao suppedaneo do throno do Altissimo, gozar da suprema beatitude nos céus, a intelligencia em extasis e o coração em jubilos, reconhecem quão digno della é o historiador que a traçára.

Elle, de feito, antes de ir abrigar-se ao seio immenso do Eterno, passando qual astro radiante de luz pela face da terra, constituiu-se, pelo assombro da sua intelligencia e pela virtude de seu coração, uma verdadeira gloria do christianismo, que tanto estremecêra, e da humaninade, que tanto illuminára.

(1) La philosophie chrétienne T. 1. p. 2 3.

IV

> La rétrogration a commencé en Europe avec la restauration du paganisme littéraire, qui a amené successivement les restaurations du paganisme philosophique, du paganismo religieux, et du paganisme politique. Aujourd'hui le monde est à la veille de la dernière de ces restaurations, la restauration du paganisme socialiste.
>
> DONOSO CORTÈS. *Lettre du 4 juin* 1849.

A philosophia latina, que, em virtude da sua inteira submissão aos preceitos do Senhor, teve a gloria immortal de apresentar ao mundo civilisado a verdadeira magna charta do pensamento humano, porque era authenticada pela sciencia e pela fé, que mutuamente se haviam dado o osculo da paz, infelizmente, porém, não perseverou na sua fidelidade ao methodo christão, que docemente impellindo-a pela senda luminosa do verdadeiro progresso intellectual, lhe havia conquistado legitima e indisputavel soberania nos dominios da sciencia.

Quando em 1453 Mohammed II tomou d'assalto a capital do Imperio Byzantino, que a exemplo da Roma de Augustulo se havia já reduzido a Constantinopola dos Paleologos, os sabios da Grecia, expulsos do seio da patria pelo alfange ottomano derramaram-se, quaes ruinas ambulantes da civilisação antiga, por toda a Europa, nomeadamente pela Italia, e contaminaram as nações em que estanceavam, reviventando nellas o espirito do paganismo, de que a religião chistan, com feliz exito, havia começado a expungir a litteratura, a sciencia e as artes.

Alienados, então, todos os espiritos contra a sciencia de Deus, a Europa deixou-se fascinar pela tentação diabolica de adquirir a sciencia humana sem o auxilio de cima, e tomada d'immensa vertigem poz-se a cultivar com enthusiasmo delirante a philosophia, a eloquencia, a poesia e as artes do paganismo.

Como a Grecia, pois, ella ambicionou os bens do tempo em menoscabo dos da eternidade, como a Grecia tambem ella foi passivel de analoga punição, porque não só perdeu a unidade da crença d'envolta com o espirito do Evangelho que ella vilmente havia apostasiado, mas ainda não pôde grangear vantagens reaes na sciencia e na litteratura, a excepção das que havia conservado, porventura, mau-grado seu, do ensino christão dos seculos que precederam ao resurgimento da litteratura greco-romana.

O triste resultado desta admiração idolatrica pelo mundo antigo foi que o Occidente, que aclarado pelo Evangelho começava a percorrer com gloria as ubertosas regiões da originalidade litteraria e artistica bafejadas pelo alento divino do christianismo, deixando-se tocar pelo fermento pagão, que nesta epocha de pedantismo, levedava todos os espiritos, descambou da sua fecunda originalidade que de futuro promettia mais larga seara de louros fructiferos na imitação servil, humilhante e esteril dos classicos da gentilidade.

Lê-se por toda a parte que os seculos de Leão X e o de Luiz XIV devem a sua grandeza e esplendor a restauração das letras grecas e romanas; e esta opinião, que espiritos superiores, mas prevenidos proclamaram, sem estudarem a questão a verdadeira luz historica, tem sido, geralmente, acceita, com grande detrimento da verdade.

A historia do genero-humano nos ensina que as grandes glorias e os grandes progressos d'um seculo nunca surgem de repente, e sim são a consequencia fructuosa dos germens de gloria e de progresso que os seculos precedentes semearam no seio da humanidade.

Por onde se conclue que o estado florente das litteraturas, italiana e franceza, nos seculos XVI, e XVII não foi senão a consequencia logica dos porfiosos e serios estudos que nos seculos anteriores robustas intelligencias alumiadas pela fé haviam feito em todos os ramos do saber humano.

E assim longe do brilho litterario destes dous grandes seculos ser devido ao fanatismo estupido destas epochas pelos classicos pagãos, que no seu progresso destruidor volvia sacrilego a face a tudo que era christão, ao contrario, lhes eclipsou a intensidade do brilho, desvirtuando-lhes a primitiva direcção, polluindo-lhes as tendencias e transmutando-lhes o movimento progressivo e florescente em um movimento decadente e ruinoso.

Tractando deste assumpto n'um dos discursos que pronunciára, em 1857, na Capella Imperial das Tulherias, o sabio Ventura de Raulica assim se exprime:

«Semblable à une roue qui continue de tourner même après que l'impulsion qui l'a mise en mouvement a cessé, le génie chrétien conserva, au milieu des obstacles que lui opposa le génie païen ressuscité, le grand mouvement qu'il avait reçu au douzième siècle, et finit, aux époques dont il s'agit, par rayonner avec tant d'éclat. Ces deux grands siècles furent donc moins le commencement d'une ère nouvelle que la fin d'une ère ancienne, et leur gloire littéraire ne fut que la vive lumière d'une lampe qui s'éteint.

En effet, le siècle de Léon X fut suivi par celui qu'en Italie on appelle le siècle des *Secentisti*, des corrupteurs du style et du goût; et le siècle de Louis XIV a été clos par le grand Évèque d'Avranches, et comme un auteur non sus-

pect (1) l'a prouvé, le *grand* siècle en enfanta un bien *petit*, et il a eu un éclat bien funeste dans la littérature du dix-huitième siècle (2). »

De feito : foi durante o seculo XVII em Italia, e o XVIII em França, que a litteratura e as artes, contaminadas pela seiva venenosa do paganismo, que pelos fins do seculo XV o renascimento da philosophia greco-romana, largamente, lhes propinára, começáram a produzir as suas abundosas colheitas de fructos de corrupção e de morte.

Portanto a renascença, tão celebrada por corypheus do racionalismo, é merecidamente considerada pela historia, fria e severa, mas verdadeira e justa, do espirito humano como a epocha nefasta em que teve logar a perniciosa intrusão do paganismo na philosophia, na litteratura, no direito publico, nas artes, nos costumes e até na religião; porque foi no seio peçonhento dessa epocha de retrogradação que gerou-se o embryão desta vasta e immensa heresia, que, mais tarde, medrando em bem triste conjunctura, ameaçou assoberbar a Europa, sob o nome de protestantismo.

V.

> Il fatto è che, con un ardore instancabile, che sarebbe incomprensibile, se non sapessimo che è diabolico, che è infernale, si adoperano essi a propagare anche nelle catholiche contrade queste dottrine di abisso; a fare a Dio, nella personna del suo Cristo, del suo Messia, una guerra implacabile, accanita, furibonda, luciferina; a togliere del cuore del cristano la fede nel Riparatore divino; a spogliar l'uomo del prezioso patrimonio delle credenze; a privarlo del pane della parola di Dio, alimento essenziale dell'intelligenza, e ridurla, come il Figliuolo prodigo del Vangelo, a nutrirsi delle ghiande di vane e turpi opinioni umane, a strascinare i popoli nell'abisso del dubbio, dell'incredulità e dell' indifferenza; a distruggere ogni verità sulla terra; a far perdere tutti gli ajuti soprannaturali, tutti i conforti. tutte le consolazioni, tutte le speranze alla misera umanità.
>
> VENTURA. *Omilie sopra la Passione del Signor Nostro* GESU CRISTO. *Prefaz., pag.* 7.

A philosophia antiga, na insania da sua soberba, desdenhando as crenças da tradição universal, filhas legitimas da revelacão primitiva, e julgando poder tão somente com as luzes da razão humana e sem nenhum auxilio superior cami-

(1) Le Conventionnel Mercier.

(2) Le pouvoir politique chrétien p. 177 178.

nhar altaneira para a conquista da verdade, terminou, depois de oito seculos de pesquizas improbas e infructuosas, de discussões vans e controversias inglorias, em que professára toda a casta de erro, incensára todos os vicios e procurára erradicar todas as crenças salutares do seio da humanidade, no desespero de toda a verdade—no scepticismo.

O grande apostolo das nações, S. Paulo, que tão bem conheceu o mundo antigo, compendía a verdadeira philosophia greco-romana nas seguintes palavras: *Græci sapientiam quærunt. Dicentes enim esse sapientes stulti facti sunt* (I Cor. I, 22. Rom. I, 22).

O racionalismo moderno que, no dizer eloquente d'um escriptor contemporaneo, é a verdadeira anarchia na ordem intellectual, como a anarchia é o racionalismo na ordem politica, seguindo com fatidica cegueira o mesmo roteiro do racionalismo antigo; isto é, repudiando a revelação christan, como este o fizera com a revelação primitiva, e lançando-se desvairado na vereda tenebrosa do erro em demanda da verdade, desastrada e inevitavelmente havia de abysmar-se, como de feito abysmou-se, no barathro medonho do duvidar de tudo. *Semper discentes et nunquam ad scientiam veritatis pervenientes* (II Timoth., III. 7).

O padre Ventura, o primeiro sabio de Roma, no dizer consciencioso de Gregorio XVI, vindicando a philosophia christan, personificada no vulto venerando de Sancto Thomaz, das objurgatorias ignominosas e perfidas que lhe assacára uma das notabilidades do semi-racionalismo moderno, o Sr. Jourdain, começa a sua luminosa apologia por estas memoraveis palavras: « *Le suprême degré de la folie n'est pas la perte de toute raison, c'est la perte de toute pudeur. L'homme qui ne rougit pas est bien plus près de la brute, est bien plus fou que l'homme qui ne raisonne pas; et le cynisme est un symptôme plus alarmant que le délire* (1). »

Epigraphe, nem mais adequada, nem melhor que esta, podemos, por certo, encontrar, para a historia da philosophia racionalista nestes tres ultimos seculos.

O racionalismo, modelando-se na escandalosa impudencia com que o protestantismo quiz, embaindo o bom-senso universal, fazer crer que Deus, desprezando tantos Sanctos e preclaros Doctores, que a luz divina da graça e da fé illuminára, e que, durante deseseis seculos, succederam-se de um modo ininterrupto no gremio da Igreja Catholica, escolhesse o incestuoso Luthero e o pederasta Calvino para reformar a sua Igreja, conclamou, igualmente, pondo de margem os sabios que, pelo espaço de desesete seculos, illustraram a philosophia christan, já sollicitos descobrindo a verdade e zelosos propagando-a, já servindo de exemplares dignos da severidade da moral do christianismo a par da cren-

(1) La philosophie chrétienne p. 113.

ça viva na incomprehensibilidade dos seus indemonstraveis mysterios, que Bacon e Descartes foram os dous entes predestinados pela Providencia para, severamente, coarctar os abusos da escholastica e restaurar, em fim, a philosophia.

Com este intento o cartesianismo arvorou o estandarte da independencia da razão, como no seculo XVI o lutheranismo havia feito quando quiz estygmatisar as demasias da curia romana. E assim como a heresia lutherana, não dobrando a orgulhosa cerviz, em materia religiosa, senão a razão estudando a Biblia, atufou-se miseravelmente no deismo e no naturalismo, assim tambem a eschola cartesiana, não reconhecendo outra auctoridade, em philosophia, a não ser a da razão estudando a naturesa, empegou-se deploravelmente no pantheismo e no scepticismo. *Abyssus abyssum invocat* (Psalm. XLI. 8).

Depois lançaram o labéu vilipendioso de ignorante, supersticiosa e servil a philosophia escholastica, e appellidaram os seculos em que ella imperára de profunda lethargia intellectual, por isso que nestas epochas, em que a sciencia foi tão solida quão vigorosos foram o desenvolvimento da intelligencia e a crença do coração, o ouro fino e puro do verdadeiro saber não dava logar aos aurichalcos ficticios de imaginações escandecidas, como nos seculos actuaes de progresso racionalista costumam, ordinariamente, faze-lo os modernos cabalistas do pensamento.

Eis o motivo porque os asseclas da philosophia anti-christan enredando o nome do soldado-philosopho no do monge-apostata, thurificam a fama mentida destes dous patriarchas do erro com as seguintes palavras: Graças a Luthero somos philosophos em religião, como graças a Descartes somos protestantes em philosophia! Encomio, na verdade, bem adequado a torpe divisa dos seus negros diademas.

Proclamada e acceita a emancipação autocratica e funesta da philosophia da paternal tutela do christianismo, ou por outra, paganisada de todo a philosophia, promovem completo divorcio entre ella e a religião, divorcio em virtude do qual, no entender de De Gérando, a philosophia teve a ventura de tornar a ser um estudo profano (*Hist. comp.* tom. 1). Ainda mais, do alto da cadeira do illustre chefe do racionalismo francez parte, a final, o brado horrivel, que ecchoou lugubremente por todo o orbe catholico, porque esse brado importa n'uma blasphemia atroz, de que a philosophia é a luz das luzes, a auctoridade das auctoridades: « *La philosophie est la lumière des lumières, l'autorité des autorités.* (Cousin. Cours de 1828, pag. 29).

Bacon com seu empyrismo reviventou em Inglaterra o estupido materialismo de Epicuro. Hobbes, Locke, Hume, Collins, Bolingbroke, Wooltson, Gibbon e muitos outros, militando pelo intuito do cruel ministro da Jezabel de Inglaterra, procuraram depois a porfia completamente materialisar a sciencia. Foi

este pernicioso sensualismo inglez, pae do atheismo disfaçado do seculo XVIII que Condillac e Voltaire se encarregaram de circular na França, onde o platonismo redivivo por Descartes já havia aberto de par em par as portas ao scepticismo (1).

Leibnitz com seu methodo de demonstração, evocando dos limbos Zenon, lança os alicerces do racionalismo allemão.

O pantheismo de Spinosa e Malebranche, o idealismo de Berkeley, o scepticismo de Hume e de Kant, revolucionam a arena scientifica sem proveito algum para a humaninade. *Evanuerunt in cogitationibus suis et obscuratum est insipiens cor eorum (* Rom. I., 21 *).*

De resto: a philosophia encyclopedista do seculo de Voltaire produz na sua viciosa fecundidade Lamettrie, Diderot, d'Alembert, d'Holbach, Helvétius e tantos outros espiritos fortes que, capitaneados pelo sophista de Ferney, ainda hoje pasmam o mundo com o requinte da sua estupida impiedade.

O imperio do racionalismo não tarda a subir ao cumulo da sua villania, porquanto os seus *theophilantropos*, arrebanhados pelo famoso Reveillère-Lepaux, ao passo que gritavam, blasphemos, « foi-se o Christo! » pressurosos erigiam altares a razão humana, symbolisada n'uma infame prostituta. Depois sobrevem a desordem, a confusão e o cahos. Ninguem mais se entende no redemoinhar daquella temulencia titanica. Realisa-se em todo o ponto o vaticinio do Rei-Propheta: *Omnis scientia eorum devorata est.* (Psalm CVI, 27).

O racionalismo, na verdade, tem muito de que vangloriar-se quando reconhece, ao folhear as paginas de sua historia no seculo passado, quanto se avantajára ao ethnicismo grego e romano.

« Les siècles, escreve um grande apologista da verdade, raisonnent comme l'homme par syllogismes. L'histoire des peuples nous prouve que les erreurs d'un siècle ne sont que la conséquence des principes erronés que les siècles précédents avaient posés.

La philosophie de ces derniers temps n'est qu'un syllogisme dont le dix-septième siècle a posé la *majeure*, le siècle dix-huitième a ajouté la *mineure*, et notre siècle a tiré la *conséquence*. Au dix-septième siècle on s'est contenté d'établir ce principe: *On ne doit rien admettre comme vrai que ce qui paraît vrai à la raison de chacun;* et toute la philosophie de ce siècle n'a été que le développement de cette même proposition. Voilà donc la *majeure* du syllogis-

(1) La philosophie du dix-huitième siècle est le développement du mouvement cartésien en deux systèmes opposés que le cartésianisme contenait dans son sein sans en avoir développé toutes les puissances. Il fallait que ces puissances cachées prissent tout leur développement pour qu'on les connût et dans ce qu'elles avaient et dans ce qu'elles n'avaient pas. De là *l'idéalisme* de l'école allemande et le *sensualisme* anglais et français (Cousin, *Cours de* 1828, leç. 13.)

me bien nettement posée. Le dix-huitième siècle arriva disant: « MAIS *rien de ce qu'on a admis comme vrai jusqu'ici ne paraît vrai à la raison des philosophes;* » et toute la philosophie du dix-huitième siècle n'a été pareillement que le large commentaire de cette proposition. Voilà donc la *mineure* du syllogisme bien établie encore. Il ne restait qu'à tirer de ces deux prémisses cette conséquence: DONC *on ne doit rien admettre comme vrai.* Et c'est ce qu'a fait le siècle dix-neuviènne, dont toute la philosophie n'est au fond que le scepticisme pur et simple (1). »

De feito, hoje é um facto historico irrefragavel que, assim como o corypheu da impiedade do seculo XVI não deu a luz o protestantismo com o seu affrontoso cortejo de abominações e torpezas gentilicas, que tem tanto inficionado a Europa, senão transplantando para a theologia a doutrina angular da eschola de Platão, formulada do modo seguinte: « *Id verum quod unicuique verum videatur;* » assim tambem o amphitryão da philosophia do seculo XVII não inaugurou o cartesianismo com todos os erros e delirios do philosophismo grego senão adoptando em philosophia a mesma theoria platoniana que Luthero havia theologicamente traduzido.

Conseguintemente Luthero, resuscitando no seculo XVI o platonismo, constituiu-se o patriarcha do protestantismo, como Descartes, no seculo XVII, espelhando-se no digno auctor da Reforma, constituiu-se o decano do racionalismo. E porque a natureza é logica, *Natura non facit saltum*, apparecem como consequencias do cartesianimo no seculo XVIII, Voltaire, o apostolisador mais cynicamente abjecto da impiedade, e no seculo XIX Cousin, Saisset, Simon, Renan e tantos outros missionarios devotados do erro.

O racionalismo vigente, que é filho legitimo do philosophismo do seculo passado, não passa d'um amalgama monstruoso de incredulidade voltairiana e de hypocrisia pharisaica.

Ora, era somente para os phariseos, cujos labios respiravam a infecção dos tumulos, e cujas linguas exhalavam o veneno das serpentes, que o Deus da mansidão, da indulgencia e da bondade tinha olhares accesos em colera : *Circumspiciens eos cum ira.* (Marc. c. III.)

O Salvador dos mundos, estampando com caractéres de fogo nas frontes desses racionalistas hypocritas da religião, cujas almas tisnadas pelas mais ignobeis paixões astuciosamente velavam-se com o manto da dissimulação e da mentira, os fulminantes anathemas de *sepulchros branqueados*, de *raça de viboras*, de *geração adultera e má*, presignalou, d'est'arte, com o ferrete indelevel de sua tremenda maldicção os philosophos pharisaicos dos nossos dias que, in-

(1) Ventura. Essai sur l'origine des idées et sur le fondement de la certitude. p. 236, 237.

titulando-se illuminados do céu, para melhor monopolisarem a sciencia, são, realmente, os mais implacaveis inimigos do christianismo e da humanidade.

VI

> Dès les premiers jous du monde, il y a eu dans le monde une lumière divine, une charité divine, une autorité divine, une société divine. Des champs de l'Éden au sommet de l'Ararat, de l'Ararat au rocher du Sinaï, du Sinaï à la montagne de Sion et du Calvaire, du Calvaire à la colline du Vatican, jamais Dieu n'a cessé d'agir et d'être présent sur la terre.
>
> LACORDAIRE. *Éloge funèbre de Daniel O'Connell.*

A historia do espirito humano, essa mestra do futuro, nos revela que, abstrahindo-se dos philosophos antigos o que elles extraíram das minas das tradições universaes, na phrase de S. Agostinho, o resto é um acervo monstruoso e ignobil de hypotheses chimericas e aventurosas, de doutrinas vaporosas e incoherentes, de systemas absurdos e impios, sobre que pairava, incessante, o negro abutre do scepticismo—o mais atroz. Ora, a causa efficiente da maninha e esteril improductibilidade da philosophia antiga e da sua profunda degradação, proveiu, como no-lo ensina a verdadeira philosophia da historia, de ter ella, no delirio do seu orgulho, ousado fechar olhos a luz inextinguivel da revelação primitiva que, jorrando através dos seculos, perennemente, illumina a humanidade inteira, e querer, guiada somente com a luz bruxuleiante de razão humana, percorrer, ufana, os páramos interminos da sciencia.

Esse methodo philosophico, contra o qual eloquentemente protestam o bom-senso universal, os monumentos da tradição e da historia, em linguagem severa e inflexivel, é que o racionalismo moderno, com escandaloso despejo, foi exhumar do ossuario dos seculos.

A philosophia christan, porém, humilde e reverente, lustrando-se nas aguas divinas da Revelação (1), desse manancial inexhaurivel de luz, de verdade e de vida, facilmente obteve as idéas as mais sans, as mais puras e perfeitas sobre o trigono symbolico de todo o saber humano—Deus, o homem e o universo.

Na Biblia, nesse tabernaculo augusto do pensamento do Eterno, tanto no Antigo como no Novo Testamento, não só pelos Prophetas, mas tambem pelos

(1) Pelo termo Revelação entendemos com o doutissimo Ventura, não só as verdades inderogaveis que a Biblia encerra, mas tambem as verdades eternas que, desde o principio do mundo, Deus revelára ao homem, o que a tradição, por meio da linguagem, tem transmittido de geração a geração.

Apostolos e até pelo proprio Christo, a Revelação divina é sempre comparada a luz; de modo que, no entender d'um insigne interprete, a revelação é para os olhos do espirito o que para os olhos da carne é a luz physica. Esta comparação, a um tempo philosophica e poetica, nos instrue de que a economia da visão intellectual é semelhante a da visão corporal, e, conseguintemente, assim como para que tenha logar a visão corporal é mister não só do duplo apparelho dioptrico que essencialmente constitue o sentido da vista, mas ainda da luz; assim tambem para que se dê a visão intellectual é necessario não só da razão, mas ainda da revelação.

Portanto é a revelação, esse telescopio divino do espirito, que subministra ao intellecto humano os meios de poder pelo raciocinio elevar-se do conhecimento a sciencia das cousas espirituaes, da mesma sorte que a luz faculta ao homem os meios de poder pela experiencia passar da simples visão a sciencia dos objectos sensiveis. Mas, como a sciencia do mundo objectivo presuppõe d'um modo implicito a visão, e esta a luz, semelhantemente a sciencia do mundo espiritual presuppõe o conhecimento, e este a revelação.

Deus desde o principio do mundo fez a luz physica resplandecer para a visão dos corpos, como diffundiu a luz vivificante e inapagavel da Revelação, para guiar a humanidade ao conhecimento da verdade : *Deus qui jussit de tenebris lumen splendescere, ipse illuxit in cordibus nostris* (II Cor. iv, 6).

Ao abrirmos as paginas do génesis, no capitulo consagrado a historia da Creação, lê-se no estylo magestoso e repassado de mystica poesia em que fôra burilado o pensamento sacrosancto do Creador, as seguintes eloquentissimas palavras : « *Dixit Deus : Fiat lux : et facta est lux.* »

A luz material, de que Deus innundára a natureza, espancando as trevas que obscureciam a superficie da terra, não é senão, conforme a grandiosa idéa de Sancto Ambrosio, a reverberação do radioso semblante do Creador : *Deus vidit lucem, et vultu suo illuminavit.* (*Hexaemeron*). Da mesma sorte que a luz espiritual que irradia da sciencia do céu, illuminando os apostolos e martyres da verdade e dissipando os erros que entenebrecem o mundo da intelligencia, na comparação magnifica d'um auctor inspirado, não é senão o reflexo augusto da face divina do Redemptor : *Ad illuminationem scientiæ claritatis Dei in facie Christi Jesu* (II Cor., iv, 6).

Se a luz deixasse de aclarar o mundo, toda a actividade social paralysar-se-ía tambem. A dôr, a estagnação e a morte substituiriam a alegria, a circulação e a vida. Tudo petrificar-se-ía ante a esmagadora terribilidade das trevas universaes. A terra tornaria a ser fria, van, esteril e desolada de todos os seus encantos, de todos os seus primores, como o era antes da apparição da luz. *Terra autem erat inanis et vacua et tenebræ erant super faciem abyssi* (Genes., 1, 2).

Foi por isso que Deus, conforme os mysterios insondaveis de sua sabedoria, depois de ter feito surgir do nada a terra e o céu, creou, pela sua vontade omnipotente, o mais bello, o mais nobre, o mais magnificente e tambem o mais preciso de todos os seres materiaes—a luz.

Se a luz da revelação, desse mysterioso e invisivel lampadario que, suspenso da abobada cerulea do firmamento, illumina o homem pelos aridos desertos da vida (1), viesse a extinguir-se, a verdade e a virtude, refugindo da face da terra, iriam acolher-se nos céus. Então a caligem de todos os erros e a lutulencia de todos os vicios, entenebrecendo, em eclypse perpetuo, a razão, estabeleceriam na terra a autocracia satanica do mal, constituida pelo cahos infernal da ignorancia absoluta de todas as verdades, do naufragio de todas as virtudes, da apotheose de todos os vicios e da cegueira insanavel e horrifica do espirito humano.

Foi para livrar o homem desta desdita sem nome que o Deus das misericordias, immediatamente depois de dar-lhe o ser, quiz, bondadoso, revelar-lhe o inalienavel patrimonio das verdades eternas, base fundamental da sua razão, as quaes ao depois foram para todo o sempre, divinamente, desenvolvidas pelo Redemptor; porque no entender do Apostolo S. Paulo a doutrina da verdade ensinada pelo Unigenito do Senhor nasceu com o mundo e durará por toda a eternidade. *Christus, heri et hodie, ipse et in secula* (HEB., XIII, 8.).

A luz da revelação, pois, é tão necessaria ao mundo intellectual como a luz material é para o mundo physico.

A luz não só é dos segredos da natureza o mais profundo e impenetravel na sua essencia, mas tambem é de todas as creaturas sensiveis a unica que goza da immutabilidade na sua belleza inenarravel. Nem o tempo, que precipita os évos na voragem da eternidade, póde envelhece-la, nem o bafo dos seculos, que ella transcorre, póde deturpar-lhe a magnificencia primitiva.

A luz contactea os corpos os mais corruptos, perpassa pelos logares os mais infectos, atravessa os meios os mais impuros sem poder ser polluida e muito menos corrompida. A sua incorruptibilidade é filha legitima da sua immutabilidade.

Ha sessenta seculos que ella foi creada pelo mandato soberano do Senhor, e ainda hoje se ostenta e rebrilha tão virgem, tão bella e tão pura, como o fôra na origem do mundo.

Ha dous mil annos, tambem, que a philosophia da Cruz, que, na sua virtuosa soberania fôra solemnemente sanccionada pela Sabedoria Increada no pincaro do Golgotha, tem, imperterrita e inalteravel na sua pureza primitiva, atraves-

(1) Lucerna lucens in caliginoso loco (II PETR. I. 19).

sado as crebras procellas do oceano das paixões humanas, insuffladas por essa philosophia sem crenças, que, só inspirando-se na luz satanica do erro, pretende, a todo o transe, atufar o homem no charco podre e dormente do vicio.

E como pela vontade omnipotente d'AQUELLE QUE É a luz material se conserva pura, incorruptivel e bella como no primeiro dia que a viu nascer, assim tambem a luz espiritual que emana da palavra sacrosancta do Suppliciado do Calvario permanecerá pura, vivaz e inextinguivel até a consummação dos seculos para alumiar o homem durante a sua romagem pela terra e prepara-lo para gozar na eternidade da dupla laureola da virtude e da verdade. *Lucerna pedibus meis Verbum tuum et lumen semitis meis* (Psalm. cxviii, 105).

A luz diffundindo-se por toda a natureza da-lhe a visibilidade independentemente do sentido da vista, a revelação, igualmente, illuminando todas as cousas intellectuaes as torna cognosciveis sem a interferencia da razão. Assim a luz é o verbo da natureza como a revelação é a luz do espirito. *Quia fides lux est animarum* (A Lap., *in* ii Matth.).

A revelação, porém, sem a sanidade da razão, não produz a intellectualidade, do mesmo modo que a luz na ordem physica não dá logar a visualidade sem que os olhos estejam sãos.

Ora, a ardua e sublime conquista da verdade sendo unicamente possivel pela razão san; isto é, que se prosterna, que se humilha e que crê : *Nisi credideritis non intelligetis;* segue-se, forçosamente, que a razão doente, isto é, orgulhosa e sem fé, nunca poderá attingir ao conhecimento da verdade, nobre e grandioso empenho da verdadeira philosophia.

On n'arrive à la vertu, diz um sabio, *qu'en crucifiant le cœur, on arrive à la science qu'en humiliant l'esprit* (1).

Essas intelligencias morbosas, que a principio tocadas pela descrença e pela duvida são ao depois de todo cariadas pelo scepticismo, terminam quasi sempre pela cegueira e pela morte.

Eis o lugubre e lastimoso estado a que ficam reduzidos os fautores do racionalismo e aquelles que buscando lustrar suas intelligencias nas fontes mal-sans da philosophia van e penuriosa de verdades desses Lazaros scientificos, ahi haurem tão somente seiva lethifera que mais tarde lhes ha-de matar não a vida do corpo mas a vida do espirito. *Cœci sunt et duces cœcorum* (Matth. xv, 14).

Um dos principes da litteratura franceza hodierna, disse uma grande e irrecusavel verdade, quando disse : « S'il y a quelque chose de plus poignant qu' un corps agonisant faute de pain, c'est une âme qui meurt de la faim de la lu-

(1) Ventura. La raison philosophique et la raison catholique. T. 1. p. 123.

mière (1) » De certo : nada ha mais doloroso aos olhos do pensador do que a inanição do espirito.

O homem não vive só de pão, mas tambem da palavra do Senhor ou da verdade, e assim como o pão é o alimento da vida physica, assim tambem a palavra de Deus ou a verdade é o substancioso alimento da vida intellectiva. *Panis vitæ et intellectus* (*Eccles*. xv. 3).

É á mingua da palavra que sae da bocca de Deus, na linguagem do Evangelista (2), que muitas intelligencias definham no marasmo da duvida e tombam, por fim, cadaveres na atmosphera asphyxiante do scepticismo. É a derradeira e funesta peripecia, mas logicamente fatal, dessa philosophia apostata da fé e da virtude que, com luciferina soberba, prefere á luz fulgurante e inalteravel da Revelação a luz frouxa e vacillante do raciocinio, á sacrosancta e omnipotente palavra de Deus a fragil e mesquinha palavra do homem.

No rapido e incompleto bosquejo, que tracei da lucta suprema que actualmente se agita no mundo scientifico entre a philosophia christan e a philosophia incredula, entre o catholicismo e o racionalismo, procurei sempre relevar, quanto esteve na pouquidade da minha intelligencia, a origem pura, sublime e divina daquelle sobre a vaidade, mentira e corrupção deste.

A philosophia christan, pela respeitosa humildade do seu espirito e pela firmeza inabalavel da sua fé nas revelações do Eterno e do seu Unigenito, anhelando sinceramente opulentar-se, antes de tudo, na sciencia da virtude e da verdade: *Quærite primum regnum Dei* (Matth. IV, 33); não só ficou rica da palavra do Senhor, mas até foi pela liberalidade divina investida com a singular prerogativa de, soberanamente, poder aferir com o sello da sua discreta sabedoria o verdadeiro, o bello e o util de todas as sciencias da terra: *Et hæc omnia adjicientur vobis* (Ibid.).

A philosophia christan, por tanto, é a realisação viva e solemne d'uma promessa grandiosa feita por Aquelle que não póde faltar na sua infallibilidade divina; é a verificação magnificente d'um oraculo que a Sapiencia Incarnada emittíra pelos labios puros d'um dos seus Evangelistas.

(1) Victor Hugo.—*Les misérables*.
(2) Matth., IV, 4.

Gloria, pois, a esta philosophia inspirada que, na sua magestade humildosa, acrisolando a sua intelligencia no fogo mystico da fé, sem cessar entôa, com ineffavel extasis, na terra, d'accôrdo com os canticos dos anjos nas alturas, fervorosos hossannahs ao Deus immortal das sciencias.

Deus scientiarum Dominus est,
Ipsi prœparantur cogitationes.

DISSERTAÇÃO.

As raças humanas provieram d'uma só origem?

I

. . . . . l'unité de l'espèce humaine n'est pas seulement un point de doctrine philanthropique inspiré par les sentiments les plus honorables, une conception philosophique élevée, un dogme respectable par cela seul qu'il se rattache aux croyances religieuses de la plus noble portion de l'humanité; mais cette unité est surtout—avant tout, pouvons-nous dire,—une grande et sérieuse vérité scientifique.

QUATREFAGES, *Unité de l'espèce humaine*. p. XVI.

Ha no mundo um livro singular que, nas suas paginas genesiacas nos descortinando o começo dos tempos, como nas suas paginas apocalypticas nos vaticinando a consummação dos seculos, relata, a um tempo, a historia pregressa, presente e futura do genero-humano, de um modo não só historiamente verdadeiro, mas tambem mysteriosamente prophetico. Este livro unico, em que a realidade dá acção humana não sendo implicada pela intervenção de cima, é no entretanto exalçada na contexturá de toda a sua narrativa pela inspiração divina, que lhe dá a uncção d'um interesse religioso e dogmatico, este livro por excellencia, porque *theandrico* ou *humano-divino* á semelhança do Homem-Deus, cujo fim e alvo elle symbolisa, *finis legis Christus* (1) é a Biblia.

Pois bem; foi este livro portentoso, sacrario sublime da eterna sabedoria, que a sciencia impia do seculo passado, esta « vasta conspiração contra a verdade (De Maistre), » denegando-lhe a origem divina, atacou fèa e vilmente todas as suas paginas; porquanto não só rejeitou, com todo o desplante, os milagres e as prophecias que elle encerra, e cuja mysteriosa veracidade tem sido, plenamente, confirmada pelo tempo a medida que se afunda na voragem do passado; mas tambem porque acoimou de falsidade tudo quanto elle narra concernente á origem da humanidade, á creação do mundo, ao diluvio, etc.

(1) Rom. X 4.

Os infatuados polygraphos do seculo da Encyclopedia, com a superficialidade scientifica e má-fé que os caracterisavam, tentando illaquear o bom-senso universal com as cavillações e subtilezas ridiculas com que torpemente ludibriavam o céu e a terra, proclamaram, entre outros muitos paradoxos, que semelhantes a herpes venenosos repullulavam por toda a parte, que o genero-humano não procedia d'um só tronco.

Todavia, já em 1655, La Peyrère, dando a lume a primeira parte do seu « *systema theologicum ex preadamitarum hypothesi* » procurára provar que os gentios foram creados no sexto dia da magna semana da Creação, e que só depois do repouso do septimo dia é que Deus fizera Adam surgir do limo da terra; admittindo, assim, duas raças inteiramente distinctas desde o berço: a raça adamica ou judia e a raça gentia ou ethnica. Mas a voz de La Peyrère espirou sem eccho. O antigo dogma d'Adam ficou inabalavel no seu pedestal, que a crença de tantos seculos havia cimentado.

Foi na epocha, porém, da soberania oligarchica dos *espiritos fortes*, destes malaventurados escarnicadores das mais puras e sanctas tradições sociaes, que alguns naturalistas, que se alistaram debaixo das bandeiras da philosophia brutalmente incredula de Voltaire, fizeram guerra aberta a doutrina biblica da unidade da especie humana, que, aliàs, muitas intelligencias eminentes, á frente das quaes se achavam Linneo e Buffon, animosamente, propugnavam.

Ácerca da transcendente questão da genealogia da raça humana o sabio Buffon assim se exprime : « Tout concourt donc à prouver que le genre humain n'est pas composé d'espèces essentiellement différentes entre elles; qu'au contraire il n'y a eu originairement qu'une seule espèce d'hommes, qui, s'étant multipliée et répandue sur toute la surface de la terre, a subi différents changements par l'influence du climat, par la différence de la nourriture, par celle de la manière de vivre, par les maladies épidémiques, et aussi par le mélange varié à l'infini des individus plus ou moins ressemblants; que d'abord ces altérations n'étoient pas si marquées, et ne produisoient que des variétés individuelles, qu'elles ont ensuite devenues variétés d'espèce, parce qu'elles sont devenues plus générales, plus sensibles et plus constantes par l'action continuée de ces mêmes causes; qu'elles se sont perpétuées et qu'elles se perpétuent de génération en génération, comme les difformités ou les maladies des pères et mères passent á leurs enfants; et qu'enfin, comme elles n'ont été produites originairement que par le concours de causes extérieures et accidentelles, que elles n'ont été confirmées et rendues constantes que par le temps et l'action continuée de ces mêmes causes, il est très probable qu'elles disparoîtroient aussi peu à peu et avec le temps, ou même qu'elles deviendroient différentes de ce qu'elles sont aujourd'hui, si ces mêmes causes ne subsistoient plus, ou si elles ve-

noient à varier dans d'autres circonstances et par d'autres combinaisons (1).»

As duas principaes escholas anthropologicas modernas, que são conhecidas pelos epithetos de monogenista e polygenista, remontam, propriamente falando, ao seculo XVIII. Ha além disto a theoria do Sr. Agassiz que pretende conservar o meio termo entre o monogenismo e o polygenismo e conciliar estes dous systemas por natureza encontrados, mas que, em substancia, é o polygenismo em toda a sua genuinidade.

Ao passo que a doutrina da multiplicidade, em contradicção flagrante com a crença de todos os povos na origem commum da especie humana, cae ineluctavelmente no illogico, no absurdo e na impiedade; a doutrina da unidade, estudada á luz da verdadeira philosophia, é não sómente uma crença razoavel, mas tambem uma verdade scientifica, como o demonstraram os Cuvier, os Muller e os Humboldt.

Ora, para provar esta verdade scientifica, sanctificada por uma crença tão antiga quanto o mundo; porque não só os seguidores da Cruz, mas tambem os sectarios de Moysés e até os crentes do Islam sempre consideraram Adam como o pae do genero-humano, não é preciso soccorrer-me ás valiossismas razões que para sanccionar este dogma da philosophia christan, em grande copia, subministram a creação, o diluvio e, sobre tudo, a obra por excellencia do Homem-Deus, o augusto mysterio da Redempção; bastam-me, tão-sómente os argumentos de tanto momento que a historia da palavra humana fornece, se, acaso, os puder convenientemente desenvolver.

II

A vida intellectiva consiste na união do espirito com a verdade, como a vida physica na união d'alma com o corpo. É por isso que S. Agostinho dizia Deus é a vida da alma, como a alma é a vida do corpo; *Vita corporis anima vita animæ Deus*. Assim, conforme o texto sagrado, o homem saindo alma viva das mãos do seu Creador, *Factus est in animam viventem* (Gen. II. 7) começou desde esse momento a gozar da plenitude da vida, não sómente na ordem physica como corpo vivo, mas tambem na ordem moral, como alma vivente. E da mes-

(1) Œuvres complètes de Buffon mises en ordre et précédées d'une notice historique par. M. A. Richard. Paris, 1835 *T*, 2 *p*. 646 647.

ma sorte que os apparelhos sensoriaes o puzeram em relação com o mundo objectivo, lhe foi dada por Deus a palavra para servir de meio communicativo do seu pensamento.

A este respeito um profundo interprete do livro infallivel dos oraculos divinos escreve o seguinte: « Dieu en créant l'homme de la terre, et en formant du corps même de l'homme la première femme, afin qu'elle fût la compagne de sa vie, puis qu'elle lui était semblable par sa nature, leur donna à tous deux l'usage parfait de leurs sens et de leurs facultés, la règle de l'intelligence, la loi de l'esprit et du cœur, la pensée, les sentiments, la parole; de sorte qu'ils purent, dès le premier instant, marcher, opérer, penser, entendre, raisonner, vouloir, parler. Dieu leur révéla le mal, afin qu'ils pussent l'éviter; le bien, afin qu'ils pussent le pratiquer (1). »

Adam, archetypo da perfectibilidade humana, não inventou, pois, a palavra, appareceu com ella, como apparecêra com os demais dons que o Creador, na sua munificencia infinita, largamente lhe conferíra. É por isso que a Escriptura Sancta nos revela que Deus, depois de collocar o homem no paraiso de delicias, fez vir ante a sua presença, como em homenagem ao rei da creação, todos os seres viventes, todas as aves do céu e todas as bestas da terra, afim de que elle impusesse a cada animal o seu nome proprio: *Adduxit Dominus Deus cuncta animantia ad Adam ut videret quî vocaret ea, appelaretque Adam nominibus suis cuncta animantia et universa volatilia cœli et omnes bestias terræ. Omne enim quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus (Gen., II. 19 20).*

Adam succumbindo, porém, a ambição sacrilega que lhe inspirára Satanaz de ser semelhante a Deus na sciencia do bem e do mal: *Eritis sicut dii scientes bonum et malum* (Gen. III. 5), tornou-se, pela sua inobediencia e rebeldia ás ordens que lhe preceituára o Creador, não sómente indigno dos inextimaveis privilegios que auferia do estado de natureza integra e innocente em que Deus o havia collocado, mas até odioso, com toda a sua raça, aos olhos do seu Divino Auctor, a quem tinha loucamente offendido.

Reconhecendo-se, réprobo e maldicto, porque a innocencia primitiva de todo o abandonára, o principe desenthronisado do Eden, com gesto flente e demudado, ouve, por entre as lagrimas pungentes que lhe revia o coração, esmagado pela dor da condemnação e do remorso, os ecchos do paraiso repercutirem lugubremente o tremendo anathema da morte, que sobre todo o genero-humano, na

(1) Deus de terra creavit hominem; et creavit ex ipso adjutorium simile sibi. Et linguam et aures et cor dedit illis excogitandi, et disciplina intellectus replevit illos. Creavit illis scientiam spiritus, sensu implevit cor illorum; et mala et bona ostendit illis. (Eccles. XVII. 1, 5).

pessoa do seu chefe, a voz omnipotente de Jehovah acabava de fulminar. *Pulvis es, et in pulverem reverteris* (Gen. III. 19).

Mas antes do primeiro precíto pela sciencia, não da sciencia que desce de cima, como orvalho celeste, para refrigerar e edificar a intelligencia, mas dessa sciencia satanica, que brota da terra, fomentada pelos instinctos ruins da carne (1), dormir, envolto no seu frio sudario, o longo somno do qual não se desperta senão na eternidadade, o Senhor o condemnára a pedir, com o suor fadigòso do trabalho, o pão com que nutrisse a sua triste e desbotada existencia, á terra que, tendo perdido a uberdade pasmosa das suas virentes campinas, e as galas luxuriantes da sua vegetação magestosa, revestia agora o aspecto tetrico e monotono de immensa charneca, sáfara e erma, onde sómente os cardos e os tojos se entresachavam com as urzes e os abrolhos d'um vegetar enfezado e doentío.

O Omnipotente, porém, na clemencia infinita da sua eterna justiça, não quiz que aquelle, a quem tinhá creado quasi anjo, e que se atufára deploravelmente n'um pelago sem fundo de dor e de miseria, cedendo a tentação luciferina que lhe dourára o orgulho voluptuario da intelligencia na conquista da sciencia defesa do bem e do mal, perdesse, ainda que despenhado, a sublimidade da sua origem divina.

O foragido da felicidade, o proscripto do Eden pòde então vislumbrar lá na extrema do horisonte da sua vida, tão negra e tormentosa quanto, outr'ora fòra pura, placida e feliz, a aurora suspirada da Redempção, por entre os fulgores celestes que espargia o grandioso mysterio da Incarnação do Verbo, desse ineffavel e estupendo enigma da caridade infinita do Deus-Redemptor.

Com quanto ao primeiro peccador, que se constituíra, pela malicia infinita do peccado, o triste homicida da sua desventurada descendencia, fosse em grande parte expungida a terribilidade da sua punição, em virtude do dogma sublime da reversibilidade dos meritos divinos do grande holocausto dos seculos que se havia de consummar, quatro mil annos depois, na sancta montanha do Calvario; todavia, elle muito e muito decaíra da primitiva perfeição, perdendo as preciosissimas prerogativas, com que a bondade e misericordia divinas, originariamente, haviam-no locupletado.

Assim, o escolhido da Creação, em quem o Senhor havia posto as suas complacencias, despenhando-se pelo peccado no abysmo do seu orgulho, viu delle fugir espavorida, porventura para sempre, a summa ventura das vidas: moral, intellectual e physica, symbolisada pela virtude, pela verdade e pela saude; triplice aureola que outr'ora constantemente lhe cingíra a fronte soberana.

Conseguintemente a palavra, como as demais faculdades moraes e intellec-

(1) Non est ista sapientia desursum descendens, sed terrena, animalis, diabolica (Jac. XIV).

tuaes d'aquelle que fora creado á imagem sublime da Divindade, perdeu de todo a sua primitiva perfeição.

Os mais profundos philologos tem até hoje em vão tentado descortinar qual fosse a linguagem primitiva. O que é certo é que desde Adam até a edificação da torre de Babel pelos descendentes de Noé, todos os homens falavam a mesma linguagem, como disso positivamente nos dá testemunho o hagiographo Moysés; isto é, o historiador infallivel, porque inspirado pelo Espirito Sancto: *Erat autem terra labii unius et sermonum corumdem* (Gen. XI, 1).

Quando os homens, porém, na loucura da sua vaidade e na vaidade da sua loucura, quizeram levar a escala os céus em batalha campal com o Omniponte, este para punir esta inaudita tentativa fez surgir no proprio logar do delicto confusão cahotica na linguagem, que até então tinha sido commum, de modo que fosse absolutamente impossivel a mutua comprehensão entre elles: *Descendamus et confundamus ibi linguam eorum, ut non audiat unusquisque vocem proximi sui... quia ibi confusum est labium universæ terræ; et inde dispersit eos Dominus super faciem cunctarum regionum.* (Gen. XI 7, 9).

E d'ahi data, chronologicamente falando, a historia da diversidade das linguas.

III

Posto que o homem pela fraqueza da sua virtude intellectiva occupe o ultimo gráu na escala das intelligencias, é, todavia, o unico ente, que, no plano do creação, goza da bella e suprema prerogativa de conhecer o singular como o bruto, de comprehender o universal como o anjo e de articular de um modo sensivel o seu pensamento como Deus.

A intelligencia humana, dobrando-se sobre si mesma, reflectindo sobre as suas faculdades, sobre suas perfeições finitas, conhece-se, emprehende-se; e por isso engendra alguma cousa de indizivel que é a concepção da cousa comprehendida, e essa concepção que ella exprime pela palavra falada, não é senão o verbo do coração manifestado pelo verbo da voz.

O pensamento, o verbo interior do homem, diz Sancto Agostinho na sua bella theoria sobre a palavra humana, comparada com a economia ineffavel da palavra divina, querendo manifestar-se aos outros homens, se une a vóz, se incarna na vóz, *se fas vóz,* como o pensamento, o Verbo interior do Eterno querendo revelar-se ao mundo, se unificou com a carne, se incarnou, *se fez carne.*

A palavra, pois, é a incarnação do pensamento no vocabulo por intermedio

da vóz, é a corporificação phonetica da intelligencia humana, é emfim a trans substanciação sublime do verbo interior do homem.

Por consequencia a eschola de Condillac proclamando que « a palavra não é senão o signal do pensamento » deve ser solemnemente condemnada, por quanto o signal, como o disse de Bonald, indica sómente o cousa mas não é a cousa em si, assim a fumaça é indubitavelmente signal de fogo, mas por certo ninguem dirá que a fumaça é fogo; ao passo que a palavra humana é o pensamento mesmo revestido de formas sensiveis, é a propria intelligencia transmittindo-se, por certas modulações da vóz, que se denominam vocabulos, do espirito de quem fala ao espirito de quem ouve, é, em summa, como nos ensina o grande Doutor Africano o verbo do homem que se faz vóz, como o Verbo de Deus se fez carne.

Na articulação sensivel do pensamento, porém, toda a anterioridade e superioridade cabe indisputavelmente a razão.

O homem pensa não porque fala, mas fala por isso que pensa. A palavra desperta, fixa o pensamento, ajuda o espirito na formação e conservação das idéas, mas de modo algum é a potencia engendradora do pensamento. O que Aristoteles dizia referindo-se a mão do homem, diremos a respeito da palavra : o homem é intelligente não porque tenha a palavra, mas tem a palavra porque é um ser intelligente.

Le verbe, l'âme du discours, escreve um philosopho contemporaneo, exprime l'idée de l'être. Comme cette idée pourrait-elle naître de la parole si elle n'était déjà dans l'intelligence (1) ?

Em verdade, toda a linguagem humana cifra-se no verbo. Emquanto este não apparece no discurso, só ha vocabulos que exprimem idéas, destacadas, isoladas, inconnexas, que nada dizem, nada significam, nada traduzem; só reina o inintelligivel. Logo, porém, que surge o verbo a luz irradia-se por todo o discurso, as ideas, inclusas nos vocabulos, ligando-se, produzem as phrases, ou sentidos mais completos, estas, por seu turno, concatenando-se, segundo os preceitos da hermeneutica interior do espirito, dão logar a um sem numero de ideas, de imagens, de expressões que, fielmente retratando as mais reconditas e magnificas operações da intelligencia, communicam a quem ouve ou lê o pensamento inteiro de quem fala ou escreve.

Mas o verbo é a expressão phonetica ou graphica da grande idéa do ser, dessa idéa que é a pedra angular da intelligencia humana, porque pensar não é mais do que affirmar que uma cousa é ou não é, que é desta ou d'aquella maneira :

(1) Ch. Bénard. Précis de philosophie p. 162.

Logo na vocalisação do pensamento toda a preeminencia pertence legitimamente a razão.

Ora a crença robusta e sincera nas primeiras verdades sendo a base fundamental do raciocinio, segue-se que tambem deve sè-lo do discurso, por quanto este, *oratio*, não é mais do que a razão manifestada pela bocca por intermedio da vóz, como dizia Cassiodoro, citado por S. Thomaz. Assim a fé é o ponto luminoso de partida não só do verdadeiro raciocinio mas tambem do recto discurso. Logo para bem raciocinar como para sanmente falar releva antes de tudo firmemente crer. Eis a razão porque o Rei-propheta, tomado de celeste arroubo, prorompia nas seguintes expressões sublimes de alta sabedoria: *Credidi; propter quod locutus sum* (Psalm. CXV).

IV

No dia em que a humanidade viu a luz respirou, não só para o corpo mas tambem para a alma; isto é, falou, porque a palavra é tão necessaria para vida intellectual, como a respiração é-o para a vida physica. Se a palavra desapparecesse da face da terra, a intelligencia humana mumificar-se-ía, e a humanidade inteira soffreria a mais horrivel de todas as mortes—a morte moral. A palavra, pois, é a respiração do espirito.

O celebre philosopho de Genebra disse uma grande verdade, quando disse que a palavra era necessaria para inventar a palavra; porque, de feito, é impossivel comprehender-se que os homens se cointeressassem, se coadunassem para inventar a palavra, sem que previamente tivessem pela palavra estabelecido a mutua communicação dos seus pensamentos e das suas volições. Se o homem, como muito bem o disse de Bonald, pensa sua palavra antes de exprimir seu pensamento, é de consequencia rigorosa admittir-se a preexistencia de pensamentos e tambem de vocabulos que traduzissem esses pensamentos á invenção humana da palavra. Por tanto a palavra presuppõe inquestionavelmente a palavra, ou por outra, a palavra é uma revelação e não uma convenção.

Sem a palavra, que, materialisa na phrase que funde no Verbo, a metamorphose infinita do pensamento, de que serviria a razão, essa faculdade sublime, mysteriosa, inenarravel, com que Deus dotára exclusivamente o homem, para distingui-lo de todos os seres creados, como a Biblia, repositorio augusto das verdades eternas, em linguagem ao mesmo tempo simples e altamente philosophica, diz: *Sicut equus et mulus, quibus non est intellectus.* (Psal. XXXI. 9).

Sem a palavra o pensamento jazeria inutilmente clausurado nas insondaveis profundezas da alma, e o mysterioso phenomeno da translação das idéas de um individuo a outrem, base fundamental da sociabilidade humana, seria irrealisavel.

A palavra, dando forma as idéas pelas differentes entonações do som, fixando pelos signaes as multiplices combinações e descombinações de que o engenho humano é capaz por meio da sua chimica intellectual, intimamente entretecendo a trama do pensamento com a trama da linguagem, faz com que esta compartilhe com aquelle o movimento social de que goza.

A palavra, dilatando os horisontes do imperio da razão com a facil monetisação do pensamento, estabelecendo a communicabilidade sympathica entre os espiritos pela reciproca permutação das idéas, transmittindo, por via da tradição, ás gerações que nascem as glorias e as verdades conquistadas pelas gerações que foram, repercutindo, em fim, através das éras, o pensamento dos seculos que jazem na penumbra da eternidade, liga, d'est'arte, os innumeraveis membros da familia humana, derramados pelo espaço e pelo tempo com os laços mysteriosos e infrangiveis da sociabilidade. *Societatis humanæ vinculum est ratio et oratio* (Cic. de Off. I 16).

A lingua e a religião, escreve em estylo pomposo o primeiro historiographo portuguès, são as duas cadeias de bronze que unem, no correr dos tempos, as gerações passadas ás presentes, e estes laços, que se prolongam através das éras, são a patria (1).

Mas de todos os attributos da palavra o supremo é por certo de provar que todas as gerações, que tem successivamente vindo a terra, encetar essa peregrinação irrevogavel do tumulo que, na linguagem mentirosa do mundo, se chama-vida, vão entroncar-se, pelos vinculos indissoluveis da consanguinidade, na familia adamica que, no delicioso berço do Eden, vira primeiro o sol, que illumināra a aurora da humanidade, fulgir com toda a pompa da sua belleza magestatica.

Ouçamos o que sobre este brilhante apanagio da palavra até um celebre escriptor, que não póde absolutamente ser tachado de idéas dogmaticas preconcebidas, diz :

Ainsi conduits par des guides différents, les peuples arrivaient à la place que la Providence leur avait assignée à Ninive, Thèbes, Jérusalem, Athènes, Rome. Au milieu de tant d'empires dont les traces rapides s'effacent les unes par les autres, qui ne croirait que ces migrations sur la rosée du monde naissant

(1) Lendas e marratiras T. II. p. 185, 186.

n'ont point laissé de vestiges, ou qu'au moins la généalogie des races humaines est pour jamais perdue! Loin de là, cette généalogie du genre humain a été retrouvée hier par une découverte qui ne permet point de doute. Des monuments plus sûrs que des colonnes milliaires marquent d'âge en âge, non-seulement la filiation, la descendance, le degré de parenté des peuples, mais aussi leur itinéraire dans un temps où ils croyaient ne point laisser de témoins derrière eux. Ces monuments sont les langues humaines; cette découverte est celle de l'affiliation des idiomes de l'Orient avec ceux de l'Occident.

« Si, en effet, les langues de notre Europe ont, comme il est impossible d'en douter, leurs racines dans celles qui ont été originairement parlées dans le bassin du Gange et du golfe Persique; si celles d'Homère, de Cambyse, de David, de Valmiki, sont alliées l'une à l'autre; si à l'extrémité même du Nord, vous retrouvez sous les neiges de l'Islande la fleur glacée de la parole asiatique, de même que les géologues ont retrouvé l'ivoire de l'éléphant dans les glaces de la Scandinavie et l'empreinte de la végétation de la zone torride tout près du pôle, il résulte évidemment de là que les peuples aujourd'hui les plus étrangers les uns aux autres ont vécu à l'origine dans une relation intime; qu'ils ont composé d'abord une grande famille, laquelle puisait la vie sociale à la même source; que leur chemin est indiqué par les vestiges et les échos de la parole qui relie tous les hommes, depuis le premier jusqu'au dernier, dans une même chaîne, tout ensemble physique et spirituelle. Interprétez comme vous le voudrez cette parenté dans les idiomes, toujours vous serez ramené à la nécessité d'une souche centrale de laquelle sont sortis les rameaux de cet arbre de vie que l'on appelle l'histoire. Et cette conclusion tirée de ce qu'il y a de plus intime dans le génie de l'homme, s'accorde pleinement avec les traditions primitives, qui toutes placent à l'origine de chaque race une même société, une même humanité; en sorte que des peuples qui, depuis, avaient cru être séparés par toutes les circonstances de l'organisation sociale, subitement rapprochés, ne forment plus, aux yeux de la science et de la religion, qu'une même famille; leur parenté se découvre, comme dans Œdipe, à la fin de la tragédie. (1). »

Em vista das razões que, apesar de incompletas e mal concatenadas, ficam derramadas no que até aqui tenho expendido, creio, todavia, poder logicamente concluir que as raças humanas provieram d'uma só origem.

---

(1) Edgard Quinet. Le génie des religions. p. 25, 26.

SECÇÃO MEDICA.

Medicação anti-syphilitica.

PROPOSIÇÕES.

I.

O mercurio e o iodureto de potassio são os medicamentos que imperâm na therapeutica da syphilis.

II.

Os syphilographos ainda hoje se dividem em mercurialistas e anti-mercurialistas; mas a eschola que proclama o mercurio como medicamento heroico da syphilis é a que tem mais seguidores.

III.

A syphilis fraca, servindo-me da phrase do Sr. Diday, deve, todavia, ser combatida sem mercurio.

IV.

Os preparados mercuriaes devem ser cancellados da therapeutica da blennorrhagia, excepto quando esta se complicar de cancro larvado urethral de origem syphilitica.

V.

O cancro molle não deve ser tractado com mercurio.

VI.

Nos accidentes precoces da syphilis o mercurio é altamente reclamado.

VII.

As numerosas experiencias do Sr. Ricord sanccionam o emprego do mercurio associado ao iodureto de potassio no periodo da syphilis, chamado de transição.

VIII.

O iodureto de potassio deve ser, especificadamente, administrado para debellar os symptomas tardios da syphilis.

IX.

Os preparados de ouro, de prata e de platina teem sido aconselhados para profligar a syphilis, mas o bom exito do seu emprego ainda não foi amplamente referendado pela practica.

X.

Os sulphurosos, os tonicos e os ferruginosos, em particular, prestam relevantes serviços no tractamento da syphilis, realevantando as forças do organismo, enfraquecidas pela acção do virus.

XI.

A syphilisação, como meio curativo da syphilis, foi solemnemente condemnada pela clinica syphilocomica.

XII.

Os preparados d'arsenico teem sido empregados com feliz resultado em alguns casos de infecção syphilitica.

SECÇÃO CIRURGICA.

Feridas por armas de guerra.

PROPOSIÇÕES.

I.

No tractamento das feridas por armas de guerra uma questão momentosa é a que concerne ás lesões arteriaes.

II.

A cirurgia castrense liga grande importancia a taes feridas; não só porque tem imprescindivel dever de sériamente attentar para todas as rupturas vasculares, occasionadas no campo da peleja, mas tambem pelo pavor que, em virtude das hemorrhagias, soe saltear os feridos, e pela frequencia destas, que augmenta a medida que novos projectis se inventam.

III.

Deve-se, em boa cirurgia militar, proscrever, em geral, a ligação dos troncos das arterias feridas.

IV.

A inefficacia desta practica, que Guthrie demonstrou, tem sido roborada pela experiencia valiosa de Nélaton, Legouest, Stromeyer, Pirogoff, etc.

V.

Deve-se, pois, laquear o vaso lesado na propria séde do ferimento.

VI.

Quiz-se objectar a este expediente, recommendado pelo bom-senso cirurgico,

dizendo que a friabilidade da parte empecia e, até, algumas vezes impossibilitava a realisação da hemostase.

VII.

A guerra da Criméa, porém, se encarregou de provar a falsidade desta objecção, mostrando que nem a gangrena nosocomial inutilisava tal recurso.

VIII.

As unicas objecções serias, que se podem alevantar contra esse meio, provem das difficuldades que podem sobrevir na pesquiza do vaso ferido por entre tecidos tumescentes e, porventura, alterados.

IX.

Mesmo neste caso affirma o Sr. Roser que a dexteridade do cirurgião removerá todas as difficuldades.

X.

Outra questão de grande importancia no assumpto vertente é a dos desbridamentos.

XI.

O abuso que a theoria da estrangulação inflammatoria fez desse meio, promoveu a reacção, igualmente prejudicial, da quasi absoluta abstenção delle.

XII.

O desbridamento é altamente reclamado, quando ha collecções purulentas em via de putrefacção, clausuradas por aponevroses.

SECÇÃO ACCESSORIA.

Theoria chimica da respiração.

PROPOSIÇÕES.

I.

A oxydação, resultante da introducção do oxygeneo no liquor sanguineo, tem logar por toda a economia.

II.

As experiencias de Spallanzani, de W. Edwards, de Collar de Martigny e de Bischoff confirmam esta asserção.

III.

A descoberta de gazes no sangue e, nomeadamente, a do acido carbonico no sangue venoso, ainda mais testificam esta verdade scientifica.

IV.

Deve-se, pois, banir a idéa de que o acido carbonico se produza nos pulmões no momento da respiração.

V.

Os orgãos respiratorios se incumbem especialmente de apresentar superficies absorventes e exhalantes, através das quaes se dá a permuta entre o oxygeneo do ar athmospherico e os gazes que o sangue tem em dissolução.

VI.

O systema capillar geral e os capillares pulmonares são que se encarregam da oxydação preparatoria da assimilação e da desassimilação.

VII.

Os pulmões, servindo-me das expressões d'um grande physiologista, devem ser considerados como um admiravel artificio anatomico destinado para multiplicar ao infinito as relações do ar com o fluido sanguineo.

VIII.

O oxygeneo, fixando-se nos globulos hematicos, é pela corrente circulatoria levado aos capillares geraes.

IX.

Na trama intima dos tecidos os globulos cedem o oxygeneo para as combustões organicas.

X.

O acido carbonico e o azoto são os principaes productos que, provenientes do trabalho desassimilatorio, se desprendem pelas superficies pulmonares.

XI.

O oxygeneo é o agente principal de todas as transformações que os materiaes fornecidos pela digestão soffrem.

XII.

O azoto é exhalado pelo pulmão em estado livre.

HYPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Somnus, vigilia, utraque modum excedentia, malum.

(Sect II. Aph. 3).

II.

Lassitudines sponte obortæ, morbos denuntiant.

(Sect. II. Aph. 5).

III.

Ex anni verò constitutionibus, in universum quidem siccitates pluviosis sunt salubriores, et minùs lethales.

(Sect. III. Aph. 15).

IV.

Ubi in febre non intermittente difficultas spirandi et delirium fit, lethale.

(Sect. IV. Aph. 50).

V.

Mensibus copiosioribus prodeuntibus, morbi contingunt: non prodeuntibus, ab utero fiunt morbi.

(Sect. V. Aph. 57).

VI.

Deliria, cum risu quidem accidentia, securiora: cum studio verò, periculosiora.

(Sect VI. Aph. 53).

Remettida á Commissão Revisora. Bahia e Faculdade de Medicina 30 de Setembro de 1868.

Cincinnato Pinto.

Está conforme aos Estatutos. Bahia 2 de Outubro de 1868.

Valle Junior.
Dr. V. C. Damazio.
Dr. Augusto Gonçalves Martins.

Imprima-se. Bahia e Faculdade de Medicina 7 de Novembro de 1868.

Dr. Baptista.

BAHIA—TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C.—1868.